

OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E O CUIDADO PASTORAL: A MISSÃO DA IGREJA EM UM MUNDO PLURAL, SECULAR E EM TRANSFORMAÇÃO

CONTEMPORARY CHALLENGES AND PASTORAL CARE: THE MISSION OF THE CHURCH IN A PLURAL, SECULAR AND CHANGING WORLD

*Gabriel Luís Alves**

*Maicon Luis Silva Marques***

Resumo: Este artigo reflete e analisa a missão da Igreja em um mundo plural, secular e em transformação, destacando a importância da ação eclesial consciente e eficaz para promover a vida e a dignidade humana. Diante da diversidade e secularização da sociedade contemporânea, a missão da Igreja se torna um desafio complexo e essencial. É fundamental que os discípulos missionários compreendam e ajam em consonância com a mentalidade urbana atual, buscando estabelecer diálogo e não condenação. A Igreja do Brasil desenvolve ações pastorais nas comunidades eclesiais, visando o cuidado, a comunhão e a participação integral, promovendo a fraternidade e a proximidade em um mundo plural e secular. O trabalho destaca a necessidade de promover o diálogo, formar redes de comunidades e agir com consciência eclesial para enfrentar os desafios contemporâneos e contribuir para a esperança de um mundo mais humano e solidário.

Palavras-chave: Missão. Discípulos missionários. Pluralismo. Secularização. Ação eclesial. Comunidade. Cuidado pastoral.

Abstract: This article reflects on and analyzes the Church's mission in a plural, secular and changing world, highlighting the importance of conscious and effective ecclesial action to promote life and human dignity. Faced with the diversity and secularization of contemporary society, the Church's mission becomes a complex and essential challenge. It is essential that missionary disciples understand and act in harmony with today's urban mentality, seeking to establish dialogue rather than condemnation. The Church in Brazil develops pastoral actions in ecclesial communities, aimed at care, communion and integral participation, promoting fraternity and closeness in a plural and secular world. The work highlights the need to promote dialogue, form networks of communities and act with ecclesial awareness in order to face contemporary challenges and contribute to the hope of a more humane and united world.

Keywords: Mission. Missionary disciples. Pluralism. Secularization. Ecclesiastical action. Community. Pastoral care.

Introdução

Em uma análise reflexiva e pastoral, conscientes de que somos discípulos-missionários a serviço do Reino de Deus, propomos um caminho de reflexão pastoral que contemple ações e compreensões da Igreja diante do mundo plural e secular. A Igreja há muito tempo observa atentamente as realidades sociais e reflete sobre essas questões, especialmente quando tais fenômenos afetam diretamente o meio eclesial.

* Discente do 1º ano do Curso de Teologia da FAJOPA – Faculdade João Paulo II.

** Discente do 1º ano do Curso de Teologia da FAJOPA – Faculdade João Paulo II.

Na sociedade contemporânea, é cada vez mais comum a diversidade e fluidez das realidades. O ser humano é impulsionado por suas múltiplas experiências, o que resulta em uma crescente pluralidade de ofertas religiosas e, simultaneamente, em um esvaziamento das realidades transcendentais, propiciando a dessacralização.

Há uma demanda crescente por experiências religiosas, refletida na proliferação de igrejas em nossas cidades, cada uma atendendo às necessidades e representações individuais do fiel. Isso cria uma busca por satisfação através de experiências subjetivas e pessoais dentro do contexto das ofertas religiosas.

Por outro lado, observamos uma cultura que se distancia da fé e da religião, em meio a uma crise que vem se desenvolvendo há tempos, especialmente relacionada às instituições, principalmente as de cunho normativo. Essa rebelião evidencia que a sociedade não deseja mais ser regida por leis dogmáticas e tende a se afastar daquilo que a prende ou a impulsiona a uma mudança genuína em sua existência. Nesse ambiente secular, a Igreja busca responder às demandas da sociedade.

O Concílio Vaticano II, um marco na história da Igreja, abordou essa realidade atentamente, especialmente na Constituição Dogmática Pastoral *Gaudium et Spes*, revelando uma Igreja atenta aos sinais e pronta para enfrentar as adversidades e mudanças históricas que a humanidade enfrenta. Neste contexto:

[...] é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático” (GS 4).

Em uma mudança de época, conforme indicado pelo Concílio Vaticano II, é essencial que a Igreja ofereça respostas à luz do Evangelho de Jesus aos acontecimentos contemporâneos, marcados por crises morais, éticas, religiosas e sociais. Assim, o Evangelho, aliado ao magistério da Igreja, torna-se uma luz urgente em meio às trevas e incertezas de nossos dias.

Este trabalho busca refletir sobre as realidades presentes na sociedade plural e secular, buscando compreender e agir a partir da observação e análise, a fim de encontrar caminhos de ação pastoral eficaz para promover o bem-estar da comunidade eclesial. Como discípulos de Jesus, somos chamados a produzir frutos, e é dever de todo cristão, inserido na comunidade do Divino Mestre, servir como ponte entre a sociedade e a comunidade eclesial.

Este artigo está dividido, além desta introdução e da conclusão, em três capítulos que possibilitam uma análise contemplativa e ativa diante das realidades plural e secular. São eles: *O Um e os Muitos: Deus na Cidade e o Pluralismo*, *Deus e a Religião sem Religiões: O Desafio da Secularização* e, por fim, *Um Novo Humanismo: Em Busca das Raízes na Ação e no Cuidado Pastoral da Comunidade Eclesial*. Esses tópicos buscam compreender e agir para promover a comunidade eclesial e social, tanto dentro quanto fora do contexto eclesial, como promotores da pessoa de Cristo, que ilumina e revela a preciosidade da vida e da vocação de cada ser humano.

Portanto, pretendemos elucidar, à luz dos Evangelhos e da tradição apostólica, como a Igreja sempre caminhou e caminha à luz do Reino inaugurado por Jesus. Em nossos tempos, enquanto o mundo busca respostas para seus vazios interiores e enfrenta mudanças constantes, cabe à ação pastoral responder de maneira significativa e ativa, favorecendo a prática pastoral dentro da realidade social e curando as feridas humanas existentes na cultura, por meio da autorrealização da Igreja, que atua na vida profética, no anúncio da Palavra de Deus, nos sacramentos e na caridade. Tudo isso, dentro da sociedade contemporânea, busca refletir sobre os sinais dos tempos e agir de modo eclesial eficaz para corresponder às aspirações e desafios da época.

1 O Um e os muitos: Deus na cidade e o Pluralismo

A complexidade da vida na contemporaneidade não se limita apenas à agitação ou à diversidade de atividades em um frenesi constante de caminhos e oportunidades de todos os lados. “O cenário atual é ambíguo, marcado por luzes e sombras. Entre outras características, pela emancipação do sujeito, a pluralidade, o avanço de novas tecnologias que permitem cuidar melhor da vida, entre outros” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 27). Todas essas realidades também respingam fortemente no meio eclesial, onde o pluralismo religioso se faz presente, causando superficialidades na vivência comunitária e sacramental. A ressignificação da religião nas cidades, bem como nas grandes metrópoles, mostra evidentemente e fortemente as experiências individuais de Deus, muitas vezes desvinculadas de uma relação eclesial e institucional, uma fé individualista e restrita.

Mediante isso, as cidades tornam-se caldeirões de crenças e práticas espirituais, e a “[...] Igreja enfrenta um desafio que está diretamente relacionado com a sua missão: a transmissão integral da fé no interior de uma cultura, em rápidas e profundas transformações, que

experimenta forte crise ética com a relativização do sentido de pecado” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 27). Pois, nestas transformações plurais, as instituições religiosas são desafiadas a repensarem as abordagens pastorais para atender às necessidades e anseios.

É fato que, em nossos dias, uma realidade pluralista religiosa é cada vez mais efervescente em todos os âmbitos religiosos de crença e culto. No trilhar para analisar a conjuntura de cada realidade eclesial, torna-se fundamental a busca de “[...] encontrar critérios para a interpretação e interação com a realidade presente” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 28). Isso propõe um mover eclesial que produza ações em meio a um mundo desafiador, desafiador porque, na perspectiva analítica em busca de encontrar ações eclesiais concretas, analisar contextos de modo generalizado é um grande erro, pois cada ambiente, cada cidade, metrópole ou distrito é particular em seu modo de vida. Mesmo havendo um denominador social comum, as ações precisam ser personalizadas a fim de conseguir eficácia na ação eclesial e nas iniciativas pastorais.

“Ao contemplar as cidades com inúmeros desafios, o olhar do discípulo missionário identifica, de imediato, muitas formas de sofrimento, dentre as quais, a pobreza, o desemprego, as condições precárias de trabalho e habitação, a devastação ambiental, a falta de saneamento básico e espaços de convivência, a violência e a solidão” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 30). Consequências estas que precisam estar aliadas a ações concretas pastorais que vislumbrem não apenas uma porção individual de pessoas, mas serem abrangentes a todos em um trabalho de discípulos atentos e evangelizadores.

A fragmentação, bem como a pluralidade, caminha rumo a um distanciamento cada vez mais intenso da Pessoa, receptora de toda esta poluição plural-religiosa, fruto de uma sociedade instável e cheia de feridas expostas que se intensificam com a fragmentação, pois as “[...] culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus” (EG 73).

Com um processo de urbanização acelerado e a concentração populacional, impactam profundamente a realidade religiosa. Com as diversas oportunidades de crenças e cultos, não apenas se manifesta uma pluralidade cultural, mas demonstra-se o quanto as pessoas procuram diversificadas possibilidades de transcendência na “[...] busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida” (EG 71). Estas atitudes plurais

demonstram para nós que, mesmo com tanta autonomia do sujeito, ficam lacunas às quais o ser humano não consegue ainda resolver, mesmo com a posse de vários meios.

“Ainda se espera que a ciência resolva muitos problemas, especialmente os relativos à saúde, mas o futuro mostra-se problemático, inquietante, cheio de incertezas e de riscos” (CNBB, doc. 80, 2005, p. 39). Em 2005, a CNBB já discutia os caminhos pelos quais as realidades da sociedade percorriam, acenando para novos desafios que estariam por vir e que, 19 anos depois, se tornam evidentes e proféticos. No galgar evolutivo, observou-se que este processo pluralista mais individualista, na perspectiva da busca por uma fé particular “a gosto do freguês”, aumenta tanto a dispersão quanto o crescimento de influenciadores midiáticos que arrastam multidões por suas falas, palestras e seu jeito peculiar de transmitir a fé ou o pensamento religioso. Por isso, “A afirmação de um estilo de vida independente, autônomo, caracterizado por escolhas livres, deu origem a um *indivíduo instável, de convicções voláteis e compromissos fluidos*” (CNBB, doc. 80, 2005, p. 43).

Nesta constante busca por pertencimento e sentido, muitas pessoas exploram diferentes realidades religiosas nas quais se sintam mais em movimento, em uma perspectiva de busca por respostas imediatas e significativas em meio à complexa vida urbana, possibilitando uma “cultura do emocional”, onde a presença de Deus se revela nas multifacetadas formas com as quais eu experimento em nível sentimental. Na busca constante de respostas subjetivas, a fé é restrita ao pessoal, impossibilitando uma abertura integral.

Torna-se desafiante quando esta cultura se manifesta em um perigoso esvaziamento da pessoa e da própria fé, fazendo apenas um jogo de emoções em vista de ganhos subjetivos. Isso resulta na superficialidade rasteira e fraca, própria das realidades contemporâneas, sem exigência alguma, como nos diz o documento 71 da CNBB:

A tendência individualista alastrou-se, também, no campo religioso. *O indivíduo sempre mais escolhe sua religião num contexto pluralista. Mesmo aderindo a uma tradição ou instituição religiosa, escolhe crenças, ritos e normas que lhe agradam subjetivamente ou se refugia numa “adesão parcial”. Ou, ainda, procura construir, numa espécie de mosaico, sua religião pessoal com fragmentos de doutrinas e práticas de várias religiões. Finalmente, aumenta o número dos que recusam a adesão a qualquer instituição religiosa e fazem de suas convicções uma “religião invisível”, com pouca ou nenhuma prática exterior* (CNBB, doc. 71, 2003, n. 54).

É na medida em que vão se desenvolvendo ambientes culturais diversificados, aliados ao crescente fenômeno do subjetivismo e do relativismo, que a pluralidade religiosa se desenvolveu. Não como um mal; a Igreja jamais observou essas evoluções como um mal, mas como um desafio a ser interpretado à luz do magistério e da Palavra de Deus, para compreender

e desenvolver caminhos que promovam a fraternidade e o diálogo. Com o crescimento da pluralidade cultural e religiosa, mostra-se a diversidade de nosso povo, mas o pluralismo demonstra um perigo que precisa ser refletido a partir de suas consequências na sociedade e no ambiente eclesial, como ação vazia e superficial subjetivista em uma construção cada vez mais intensa da “ditadura do relativismo” (VS 99). Isso impede que a comunidade, bem como a experiência de fé, se torne verdadeiro encontro com Deus. Esta é a preocupação eclesial e pastoral: como dialogar e agir mediante esta conjuntura ética e pastoral?

Reconhecendo estas realidades, constata-se que, à medida que essas realidades crescem, “vive-se o fascínio entre a emergência da subjetividade e a cultura individualista que propõe uma felicidade reduzida à satisfação do ego. Se, de um lado, verifica-se o valor da pessoa, por outro, percebe-se a dificuldade de alguns em pensar no outro.” (CNBB, doc. 100, 2014, n. 13). É vislumbrada uma tarefa exigente para toda ação pastoral de forma global. Nos diz o documento de Aparecida:

[...] vai se configurando uma realidade global que torna possível novos modos de conhecer, aprender e comunicar-se, que nos coloca em contato diário com a diversidade de nosso mundo e cria possibilidades para uma união e solidariedade mais estreita em níveis regionais e em nível mundial (DAp, 2007, n. 522).

De forma integral, necessitamos acolher propostas que acompanhem estas realidades à luz do Evangelho na construção do Reino de Deus, buscando, junto à fraternidade e ao amor, uma proposta de acolhida integral em vista de um diálogo permanente. É neste percurso de um cuidado pastoral em vista desta realidade plural que é preciso reconhecer que, nesta pluralidade religiosa, há dignidade em cada uma das diferenças, buscando a disposição do diálogo sem que cada uma delas perca sua identidade própria, respeitando que “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem” (GS 16). Em um processo de escuta como caminho de comunhão na diferença, buscando dentro dos desígnios misteriosos de Deus o homem. O documento de Aparecida, neste contexto, afirma:

Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é aconselhável a setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região, É recomendável que os agentes missionários promovam a criação de comunidades de famílias que fomentem a colocação em comum de sua fé cristã e das respostas aos problemas (DAp, 2007, n. 372).

A proposta de redes de comunidades e grupos, conforme sugerido no Documento de Aparecida, emerge como uma estratégia eficaz para estabelecer vínculos mais próximos e

significativos com os moradores urbanos, permitindo uma evangelização contextualizada e relevante para a realidade pluralista das cidades contemporâneas. “Não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais, mas da fidelidade na imitação do Mestre, sempre próximo, acessível, disponível a todos, desejoso de comunicar vida em cada região da terra” (DAp, 2007, n. 372).

É imperativo que reconheçamos o valor da diversidade, que a aceitemos como um ingrediente nutritivo e que promovamos o diálogo inter-religioso, a fim de evitar erros éticos e teológicos. Por isso, é fundamental “Assumir a diversidade cultural, que é imperativo do momento, envolve superar os discursos que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos” (DAp, 2007, n. 59).

Pois nesta interação entre o Um e os Muitos, entre a presença divina e a diversidade religiosa, a cidade contemporânea nos desafia a transcender as fronteiras institucionais e dogmáticas, abrindo espaço para uma espiritualidade inclusiva, onde “Essa nova realidade se baseia em relações inter-culturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquia de um poder sobre outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança” (DAp, 2007, n. 97).

Neste sentido, é salutar desenvolver caminhos de diálogo e fraternidade para superar a divisão e o pluralismo tão marcados pelas intolerâncias e desuniões. Trilhas pastorais são necessárias, que demonstrem que a comunidade eclesial seja instrumento fomentador de diálogo, evitando assim que o pluralismo se instale na medida em que o subjetivismo cresce e o relativismo floresça. Estes resultam em uma outra realidade, ainda mais desafiadora do que o pluralismo. Tendemos a nos deparar com a secularização que é um dos males que fervilham na sociedade e que a Igreja, em meio às mudanças constantes da Pessoa, tenta responder à luz de Cristo, que é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,5).

2 Deus e a Religião sem Religiões: o desafio da Secularização

A análise hermenêutica histórica revela que a sociedade passou por significativas transformações nas últimas seis décadas, refletindo avanços nas ciências e nas percepções das realidades contemporâneas. A Igreja, reconhecida como uma instituição educadora fundamental, especialmente à luz do Concílio Vaticano II e sob o magistério petrino, amplia sua visão para compreender atentamente as mudanças em curso, especialmente no contexto de uma nova antropologia. Nesse sentido, a Igreja está atenta às novas mudanças no que tange ao

crescimento do secularismo e às ameaças consistentes que isso causa ao desenvolvimento evangelizatório, bem como à vivência da fé. Vai nos dizer São Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*:

Esta fé, hoje confrontada com o secularismo ou antes, podemos mesmo dizer, com o ateísmo militante, e quase sempre uma fé exposta a provações e ameaçada, e mais ainda, uma fé assediada e combatida. Ela corre o risco de morrer de asfixia ou de inanição, se não for alimentada e amparada todos os dias. Evangelizar há de ser, muito frequentemente, comunicar à fé dos fiéis – em particular, mediante uma catequese rica de substância evangélica e servida por uma linguagem adaptada ao tempo e às pessoas – esse alimento e esse amparo de que ela precisa (EN 54).

Diante de tantas misérias, a Igreja, como depositária e guardiã da Palavra de Deus, deseja oferecer acolhida aos homens e mulheres que, diante de seus sofrimentos e esvaziamentos de sentido, possam encontrar razões para crer em uma perspectiva na qual todos são portadores da alegria que o Evangelho traz. Por meio da escuta atenta e do serviço inspirado pela Palavra de Deus, busca compreender o ser humano em sua totalidade, levando em consideração não apenas aspectos físicos, mas também eclesiais, sociais e culturais, bem como na pertença de todos como Povo de Deus peregrino.

Em meio a tantos desafios constantes, a secularização é um processo complexo de esgotamento de todos os sentidos pertencentes à pessoa. No que diz respeito à fé, é cada dia mais crescente a incredulidade no mundo moderno. O Concílio Vaticano II descreve o mundo moderno e suas aspirações “[...] sob tal nome genérico, quantas correntes de pensamento, quantos valores e contravalores, quantas aspirações latentes, quantos germes de destruição, quantas convicções antigas desaparecem e quantas outras convicções novas se impõem” (EN 55).

Motivados por esses ideais, enfrentamos o desafio de anunciar o Evangelho em meio ao “drama do humanismo ateu” (EN 55). Em constante indiferença e afastamento, muitos se tornam acomodados e insensíveis ao sofrimento alheio, distanciando-se do verdadeiro espírito evangélico na promoção da vida e da dignidade humana. É fundamental observarmos o cerne deste processo contemporâneo de desenvolvimento, em vista de um cuidado pastoral sólido e conciso diante do secularismo. Nos diz a *Evangelii Nuntiandi*:

Aqui, temos em vista um verdadeiro secularismo: uma concepção do mundo, segundo a qual esse mundo se explicaria por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus; de tal sorte que Deus se tornou supérfluo e embaraçante. Um secularismo deste gênero, para reconhecer o poder do homem, acaba por privar-se de Deus e mesmo por renegá-lo (EN 55).

Em meio a tanta diversidade, constata-se uma autonomia desenfreada de responder perguntas em constante frenesi. Aliada às novas ciências desenvolvidas, isso vislumbra uma falsa sensação de respostas e posse do conhecimento total nas mãos dos seres humanos. Esse enfoque faz com que “[...] um ateísmo antropocêntrico, que já não é abstrato e metafísico, mas sim pragmático, programático e militante” (EN 55). Há um completo abandono dos conhecimentos metafísicos, um completo afastamento de Deus, propondo um distanciamento profundo das realidades religiosas e eclesiais. Para alcançar essas realidades, a Igreja precisa, em uma constante análise de conjuntura, favorecer caminhos eclesiais, percorrendo trilhas que sejam contrárias. Fala-nos a *Evangelii Nuntiandi*:

[...] este secularismo ateu, propõem-se-nos todos os dias, sob as formas mais diversas, uma civilização de consumo, o hedonismo erigido em valor supremo, uma ambição de poder e de predomínio, discriminações de todo gênero, enfim, uma série de coisas que são outras tantas tendências inumanas desse humanismo (EN 55).

Na promoção de um humanismo cristão em diálogo e compromisso com todas as esferas da sociedade, visando o bem comum de cada pessoa, vislumbramos o encontro do homem com Deus e o mundo como um pilar transformador em busca do benefício de todos. Este é o caminho em uma sociedade carente de contato pessoal, rumo à esperança de expandir a cultura do encontro que gera vida no meio das feridas da humanidade e de sua cultura.

A partir do contexto do desenraizamento das pessoas, fica mais evidente uma fraqueza natural e uma incoerência profunda. Isso é desafiante quando efeitos como esses adentram as comunidades eclesiais e ferem a comunhão e a espiritualidade vivificada. Por esta razão, observa-se que a contínua vivência dos cristãos com os não-cristãos, bem como aqueles que não vivenciam experiência de fé alguma, recebe dessas influências e até mesmo “constantemente contra-choques de incredulidade” (EN 56). Além disso, as justificativas do mundo secularizado criam formas e discursos que fomentam posições e explicações lógicas em nome de um subjetivismo individualista e de uma falsa autonomia e autenticidade pessoal, causados pela não vivência religiosa.

Num movimento evolutivo, a perspectiva de uma sociedade secular é cada vez mais nítida quando esse processo age de tal forma na emancipação das realidades terrenas da tutela religiosa. Na história evolutiva, olhamos os laços fortemente emocionais e a notável e crescente ambivalência, gerando gradualmente uma secularização institucional ou social, outra intelectual e existencial. Para a Igreja, é louvável e bom que o homem caminhe para uma autonomia, principalmente quando ele se esforça por uma causa comum. O perigo desta autonomia é uma

hiper autonomia por uma racionalização frenética e individualista, gerando lacunas consideráveis. Uma delas é a dessacralização, a perda da sensibilidade religiosa e do espírito fraterno. Isso faz com que o deslocamento e o regresso do sagrado no cerne da sociedade racionalizada resultem na instrumentalização das relações que nela subsistem.

O afastamento das pessoas da vida eclesial demonstra uma supervalorização antropológica do sujeito que agora é independente de dogmatismo, ficando irrestrito a tudo o que a religião não o permite fazer. Isso dá ao ser humano uma independência e uma liberdade irrestrita, mas cada vez mais individualista e resistente à evangelização, que, para tais pessoas, é menosprezada como inferior. Uma nova ordem nas coisas, um sentido novo permeia a sociedade contemporânea, da vida e da história, que não cabe mais, ou seja, é inaceitável nesta nova ordem a presença de Deus e da Igreja. O homem é livre e não precisa da religião para que o subjuguem ou limite sua liberdade. É “[...] a resistência da inércia, a atitude um tanto hostil da parte de alguns que se sentem em casa, que afirmam já saber tudo, já ter experimentado tudo e já não acreditarem em nada” (EN 56).

É nesta crise das instituições que a sociedade contemporânea se encontra em uma caminhada constante de uma “autonomia ilimitada”, de um secularismo ausente de vivência eclesial. Por um lado, constata-se “[...] a globalização, pelo secularismo, pelo relativismo, pela liquidez, pelo indiferentismo” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 27). Isso se concentra fortemente mediante a conjuntura do pluralismo, onde cabe à ação pastoral e ao cuidado eclesial: “[...] torna-se necessário encontrar critérios para a interpretação e interação com a realidade presente” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 28).

Neste sentido, estar atentos aos sinais dos tempos é fundamental, dando continuidade ao pensamento conciliar na perspectiva de um cuidado pastoral que esteja aliado à vida magisterial, bem como num itinerário profundo de comunhão e abstração das Sagradas Escrituras, donde emana luz e vida. Para isso, é preciso compreender que o distanciamento e a falsa noção de ilimitabilidade por parte do mundo secular são conseqüentemente causados pela “[...] noção de que a pessoa livre e autônoma precisa se libertar da família, da religião e da sociedade” (CNBB, doc. 100, 2014, n. 13). Há um desprendimento das raízes na constituição da liberdade, equivocadamente desvinculando-se das influências causadas por outros na vida da pessoa.

É uma reflexão concreta quando levamos em consideração a perda dos valores mediante o abandono das raízes. Isso afirma de modo preciso que o desenvolvimento de uma ação eclesial precisa ser bem cuidado e cauteloso ao abranger em sua totalidade o mundo plural, diversificado, no qual dialoga e constantemente busca respostas. A partir desses novos

comportamentos geradores de ações em meio à “cultura do imediato”. Afirma o documento número 100 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

Chega-se a pensar numa sociedade pós-cristã. Não se busca mais o verdadeiro, mas o desejável. A verdade se torna relativa às diferentes necessidades das pessoas. Trata-se de uma cultura sempre mais secularizada, que evita a influência do cristianismo nas decisões morais da sociedade (CNBB, doc. 100, 2014, n. 22).

Ao refletirmos sobre as dinâmicas da ação pastoral, é crucial partir das esferas sociais para analisar as conjunturas de forma a não nos distanciarmos da realidade, mas sim permanecermos próximos e maleáveis, levando em consideração os diversos desafios enfrentados pela Igreja em sua ação eclesial e vivificante, tanto no Brasil, na América Latina quanto no contexto global.

Em um contexto dinâmico e personalizado, observamos que “A vivência da fé na sociedade atual é geralmente exercida numa religiosidade não institucional e sem comunidade, mas ligada aos interesses pessoais” (CNBB, doc. 100, 2014, n. 23). Este afastamento da vivência comunitária representa uma perspectiva perigosa, pois a comunidade sempre foi um elemento central na tradição da Igreja desde os seus primórdios, sendo um cuidado precioso que não deve ser negligenciado. O afastamento dessa vivência comunitária tende a esfriar, engessar e dispersar a fé.

Lutar contra essa tendência perigosa é fundamental, uma vez que “[...] O pluralismo, liberta as pessoas de normas fixas, mas também as desorienta pela perda das referências fundamentais e gera fragmentação da vida e da cultura (CNBB, doc. 100, 2014, n. 24). É essencial reafirmar essa importância enquanto refletimos sobre as ações motivadas pelo pluralismo, pois este “[...] nem sempre respeita o outro, e seu exagero pode provocar o indiferentismo” (CNBB, doc. 100, 2014, n. 24).

É de grande valor retomar a reflexão sobre a vida e a participação na vida eclesial em meio a um mundo plural em sua diversidade. Cabe à Igreja dialogar com essas realidades plurais, demonstrando que as diversas expressões religiosas não visam limitar, mas sim revelar uma autonomia fundamentada em Deus e em seus desígnios para toda a humanidade. Nessa perspectiva, a ação pastoral precisa combater um secularismo de indiferença e reiterar que a participação na comunidade eclesial, assim como a vivência da fé, é uma adesão consciente e livre, baseada na experiência com Deus através da Palavra que anima e da Eucaristia que fortalece o peregrino em sua jornada rumo ao Reino de Deus.

O Evangelho de Cristo representa a integração de toda dispersão relativista e subjetivista. Ele nos convida a nos inserirmos na realidade social para testemunharmos através de ações de cuidado e diálogo, revelando a alegria que emana somente do Evangelho. Dentro dos vazios existenciais das diversas sabedorias e ciências, é somente através da experiência com o Senhor que encontramos uma alegria proveniente do pertencimento à comunidade e da vivência transparente da fé, sem nos deixarmos abalar por atitudes contrárias, pois é pela ação plenificadora do Espírito que colaboramos na instauração do Reino de Deus na comunidade. É fundamental que as ações manifestadas no Concílio Vaticano II se tornem efetivamente concretas em nossas comunidades eclesiais, promovendo um novo humanismo cristão.

3 “Um Novo Humanismo”: a volta às raízes na ação e no cuidado Pastoral da Comunidade Eclesial

Ao abordarmos a ideia de um novo humanismo na perspectiva pastoral da comunidade eclesial, é compreensível que isso possa inicialmente causar estranheza. No entanto, é não apenas oportuno, mas também salutar, pensar em uma nova abordagem pastoral, que redescubra valores e significados que possam ter sido perdidos devido ao secularismo ou ao pluralismo. Ambos são desafios que a Igreja tem buscado compreender e refletir, visando oferecer respostas preciosas em todos os âmbitos e favorecendo meios de ação para o desenvolvimento de respostas concretas em termos de conversão e transformação da realidade eclesial.

Foi exatamente isso que o Concílio Vaticano II realizou ao longo de todo o seu desenvolvimento, fornecendo diretrizes eficazes e retornando às raízes apostólicas, redescobrando o dom da unidade e da comunhão dos Apóstolos e trazendo-as para o contexto contemporâneo. Esse é o cerne de um novo humanismo cristão, conforme expresso na Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*.

Cresce cada vez mais o número dos homens e mulheres, de qualquer grupo ou nação, que têm consciência de serem os artífices e autores da cultura da própria comunidade. Aumenta também cada dia mais no mundo inteiro o sentido da autonomia e responsabilidade, o qual é de máxima importância para a maturidade espiritual e moral do género humano. O que aparece ainda mais claramente, se tivermos diante dos olhos a unificação do mundo e o encargo que nos incumbe de construirmos, na verdade e na justiça, um mundo melhor. Somos assim testemunhas do nascer de um novo humanismo, no qual o homem se define antes de mais pela sua responsabilidade com relação aos seus irmãos e à história (GS 55).

Observamos um anseio do retorno frutífero à Apostolicidade das primeiras comunidades cristãs, onde a verdadeira essência da Igreja se manifestava na doação sincera de corações, na autêntica comunhão e na incessante proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, com fidelidade permanente. Nessa perspectiva, o cuidado pastoral se torna um caminho tangível para fecundar a vida da comunidade eclesial e do mundo plural e secular, promovendo a justiça e a paz que emanam de Cristo, o Pastor e Mestre.

Para superar a dispersão causada pelo secularismo e pelo pluralismo, dispomos de remédios generosos e trilhamos caminhos fecundos na ação evangelizadora. É evidente que reflexões como esta expressam o desejo do Espírito Santo, que continua soprando constantemente em sua Igreja e auxiliando o magistério na interpretação dos sinais dos tempos. Como afirmado na *Evangelii Nuntiandi*, "A ação evangelizadora da Igreja, que não pode ignorar estes dois mundos nem ficar parada diante deles, tem de procurar constantemente os meios e a linguagem adequados para lhes propor a revelação de Deus e a fé em Jesus Cristo" (EN 56).

É necessário que a Igreja revise suas fontes evangelizadoras, reconhecendo que o ato de evangelizar é profundamente uma atitude eclesial. Isso nos faz perceber que, na ação de cuidado pastoral, a missão de cada batizado no meio do Povo de Deus está intrinsecamente ligada à missão da Igreja em nome dela.

Como primeiro passo pastoral em torno do cuidado com o humano em suas limitações e adversidades, é fundamental cultivar a consciência de nossas comunidades eclesiais de que "A Igreja é ela toda inteiramente evangelizadora. e [...] para cada parcela do mundo onde ela se encontra, a Igreja se sente responsável pela missão de difundir o Evangelho" (EN 60). Portanto, é crucial ampliar os horizontes de uma comunhão constante dentro da comunidade eclesial, pois essa comunhão fortalecerá e nutrirá os caminhos pastorais:

Como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo, não já a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja. Nisto há de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de reconforto (EN 77).

Como parte da Igreja, nossa missão é contribuir para a esperança de transcender barreiras e promover a dignidade humana, nutrindo um mundo mais humano e solidário, encorajando um diálogo inspirado no Evangelho que acolha e cure as feridas, enquanto buscamos ser colaboradores do Reino de Deus, peregrinos da esperança unidos pelo amor, pois esse é o caminho a seguir. É na perspectiva de viver uma alegria que emana na vivência do

amor-comunhão, isto é, promover ações comuns eclesiais é ter esta primeira certeza dentro de cada consciência cristã. Não há como desenvolver uma ação evangelizadora integral em ambientes plurais e seculares se não mantivermos uma unidade e formos animados pelo amor.

É na transmissão e vivência convicta e firme dessas ações que conseguiremos sinalizar um amor contagiante que gera alegria e impulsiona a uma adesão sincera. Em nossas ações pastorais, “[...] Abrangem-se-lhes, pois, todos os caminhos para que, segundo as suas forças e as necessidades dos tempos, participem também eles, ardorosamente, na tarefa salvadora da Igreja” (LG 33). Pois nada pode prejudicar a comunidade eclesial, muito menos ferir as situações religiosas e espirituais dos outros, muito menos agir de forma intolerante. É viver integralmente as exigências do amor para assim sentirem que são chamados a viver este amor integral de Deus.

Com as demandas de desenvolvimento humano e social ao longo do tempo, percebemos um distanciamento das pessoas das realidades religiosas, o que se torna um desafio pastoral. Com a ruptura entre Evangelho e cultura, torna-se singular “[...] envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada” (EN 20).

Cabe então, nesta Apostolicidade das primeiras comunidades, resgatar a consciência de que a Igreja está no meio do mundo, que é viva em seu jeito próprio e genuinamente ardorosa no anúncio e vivência evangélica. Torna-se singular uma Igreja de experiência libertadora que nos enfoques se torna instrumento de defesa dos mais fracos, em uma postura de constante acolhida. Isso faz com que o prisma da ação pastoral se abra de forma integral, com ações na concretude de uma análise cuidadosa, porém manifesta no magistério e nas Sagradas Escrituras, quanto aos “[...] leigos são chamados de modo especial a tornar presente e operante a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde ela só por meio deles pode vir a ser sal da terra” (LG 33). Isto promove, por meio do entrelaçamento da comunidade eclesial, focos como o diálogo entre denominações religiosas, inculturação, bem como a proximidade dialogal com todas as áreas científicas e todo o ambiente secular, favorecendo o estabelecimento de valores pela dignidade da pessoa humana.

Sejam estas ações promovidas nas pastorais e movimentos das comunidades ou na representatividade laical nos meios sociais e governamentais, cabe então à ação pastoral incentivar ações concretas de promoção de diálogo e comunhão. Promover ações humanistas cristãs são passos fecundos, isto é, acolher os sinais dos tempos e fazer deles caminhos de

transformação pelo Evangelho que promove, integra e comunica a vida. Não somos da morte, isto a sociedade se incumba em ser; somos portadores da alegria que emana do Evangelho. Como nos diz Comblin em seu livro:

O que efetua uma mudança radical não é o mundo, é, no momento, a Igreja. É a Igreja que retoma os princípios de São Paulo a respeito da difusão do Evangelho no seio dos pagãos. Desta vez, a Igreja decidiu-se a levar a sério os princípios paulinos e a não deixar mais que fossem reabsorvidos por um particularismo novo que os torna inofensivos e inoperantes (COMBLIN, 1970, p. 168).

Uma Igreja que assume sua posição mediante uma mudança social, para o desenvolvimento de ações que emergem do princípio tocante de qualquer ação pastoral: o chamado a ser homens e mulheres da Palavra encarnada e conscientes de sua vida sacramental e de seu apostolado. Conscientes como São Paulo, voltamos nosso olhar para ele, onde encontramos a experiência de quem se encontrou com o Senhor, que em meio às provações e perseguições soube corresponder e dialogar. Nele encontramos a inspiração para nossos métodos de cuidado pastoral, que abracem toda a mistagogia em vista de uma vivência concreta em meio à volatilidade e ao relativismo que tanto se faz presente.

“Um cenário não se escolhe. Impõe-se. Tem-se de viver dentro dele” (LIBÂNIO, 1999, p. 13). Cabe à ação pastoral da Igreja, bem como ao seu corpo eclesial, analisar este cenário em uma perspectiva que promova ações em busca de diálogo e fraternidade entre os dilemas do mundo secular e plural. Elaborar estratégias que favoreçam o humanismo cristão na construção de um cuidado sólido e eficaz. Como nos diz João Batista Libânio:

A Igreja, como Instituição, comporta-se dentro de determinado cenário, num duplo movimento. *Ad intra*, ela organiza sua própria vida. *Ad extra*, tece relações com o mundo político-econômico, cultural e religioso circundante. Em cada cenário, essas relações, quer internas quer externas, se configuram de modo diferente (LIBÂNIO, 1999. p. 13).

Vemos com olhos de esperança as realidades eclesiais que, no meio de nossas comunidades, não estão inertes aos acontecimentos, mas pelo contrário, buscando respostas e ações concretas. Isso faz com que ações concretas sejam pautadas no desenvolvimento de ações eclesiais dentro dos cenários e experiências culturais no mundo plural e secular.

Formar comunidades de irmãos, comunidades de comunidades, fomentar as realidades de comunidades que se reúnem para celebrar e viver a mistagogia, são ações pastorais diante das realidades latentes de sofrimentos, movimentos que impulsionem cada vez mais o estudo

da Palavra de Deus e do Magistério. É necessário “[...] abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam mais a transmissão da fé” (DAp, 2008, n. 365).

Compreender que na pluralidade e na secularização, a Igreja está presente como motivadora do diálogo e da fraternidade, com ações que favoreçam intensa comunhão e participação no mistério de Deus que “está no meio de nós” (Mt 28,20). É pela graça de Deus que somos convidados a fazer a experiência de discípulos missionários que reconhecem, anunciam e testemunham com fidelidade, como “[...] uma pequena semente que pode chegar a transformar-se numa grande árvore, como um punhado de fermento que leveda uma grande massa, e como a boa semente que cresce no meio do joio” (EG 278). Este também deve ser o discípulo-missionário que anuncia a Palavra para que, “O que foi semeado em terra boa seja aquele que ouve a Palavra e a entende. Esse dá fruto: um produz cem, outro sessenta, outro trinta.” (Cf. Mt 13,23).

É fundamental que desenvolvamos esta consciência, despertada pela força do Espírito, que não nos deixe inertes diante das realidades. Pois, “não podemos ficar tranquilos esperando passivamente em nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar que o amor é mais forte” (DAp, 2008, n. 548). É nosso chamamento e missão transcender um trabalho pastoral que se limita dentro de nossas igrejas, indo além de pastorais e movimentos, para um cuidado pastoral que ao encontrar-se com o mundo e a sociedade tenha a firmeza e a força de estabelecer fraternidade, proximidade e comunhão. Isso como ação eclesial que perpassa paróquias, regiões, dioceses e regionais, sendo uma ação coletiva capaz de dialogar em um mundo plural e secular.

Considerações Finais

Em meio à constante demarcação de espaços de falsas certezas e à exposição de feridas latentes na sociedade, é pela reflexão, análise de conjuntura e interpretação dos sinais dos tempos que como Igreja responderemos ao anseio de nossa gente. Não podemos conceber uma Igreja distante de seu povo, muito menos fechada em si mesma. É um convite a todo o corpo eclesial ser “[...] como discípulos missionários, buscando suas causas mais profundas e, em espírito de missão, trabalhando para a transformação da realidade, tanto no contexto urbano quanto nos demais ambientes por ele influenciados” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 30).

É fundamental estabelecer métodos pastorais que infundam uma análise de engajamento. Isso porque ao estabelecermos métodos como, por exemplo, o de ver, julgar e

agir, obtemos diretrizes para vislumbrar melhores abordagens que garantam o desenvolvimento da vida eclesial em seu sentido mais completo e eficaz. Os métodos não nos garantem certeza, mas nos oferecem segurança em um caminho no qual a comunidade eclesial, a Igreja local ou a conferência estabelecem para traçar caminhos geradores de vida e fraternidade.

“Consequentemente, os discípulos missionários são convocados a escutar, admirar e compreender a mentalidade urbana atual, cujas marcas são globais e, ao mesmo tempo, diversificadas e plurais” (CNBB, doc. 109, 2019, n. 32). Com olhar integral e abrangente, o discípulo missionário compreende, analisa e age para que a promoção do anúncio do Reino se torne cada dia uma certeza na vida das pessoas. A ideia não é vencer o mundo plural e secular, mas estabelecer uma relação de diálogo. Não condenar, mas apontar os perigos.

A Igreja do Brasil, inspirada pelo Espírito Santo e pelo magistério, desenvolveu ações concretas da vida pastoral nas comunidades eclesiais que visam o cuidado e a comunhão, participando integralmente com um olhar libertador na vida e na sociedade do povo. Portanto, para superar as dificuldades vigentes no mundo de hoje, é fundamental apostar no diálogo em todas as suas circunstâncias, bem como na formação de redes de comunidade que favoreçam encontros em pequenos grupos setorizados, promovendo a mistagogia, a celebração e o diálogo. Esse é o modo de ser das pequenas e primeiras comunidades cristãs, que compartilhavam de um humanismo cristão evidenciado pelo cuidado e pela caridade como verdadeira experiência de fé ao anúncio da Palavra de Deus, vencendo os paradigmas existentes. O discípulo do olhar, do reconhecimento e da ação missionária conscientiza-se como ação eclesial que precisa estar impregnada na vida dos leigos e de toda a Igreja.

O Senhor está no meio de nós, em meio a um mundo plural e secular, por isso “[...] O discípulo implica deixar-se encontrar pelo Senhor, com ele estar” (CNBB, doc. 109, 2019, n.71). Pois é por meio de ações concretas na vida eclesial e social que a Palavra produzirá. É de coração a coração que esta Palavra chegará e que, ao passar pelos ouvidos, alcançará o coração e produzirá frutos, identificando-se e configurando-se na Palavra que implica na geração de fraternidade, diálogo e compromisso, fundante na opção fundamental por Jesus Cristo, que suscita na comunidade eclesial a sede de caminhar, revisitando sempre o diálogo para cada vez mais aperfeiçoar o cuidado pastoral.

Estabelecer um cuidado pastoral em um mundo plural e secular é despertar na consciência dos leigos e de toda a Igreja que devemos ser discípulos missionários, estabelecendo comunidades, revigorando o sentido da vida, formando comunhão e fortalecendo os laços para que o anúncio não seja estéril e vazio, mas se torne próprio no contexto do mundo

plural e secular. Os trabalhos são abrangentes, abarcando todo o corpo eclesial desde a concepção missionária, ao protagonismo laical, ao despertar da consciência missionária, ao olhar carinhoso para os jovens, doentes, migrantes e pobres. Tudo isso se realiza com o estabelecimento de caminhos que, com metas, diretrizes e ações, analisem de forma personalizada cada ação como um despertar eclesiológico, pois:

A comunidade é o estilo de vida cristã que desejamos incansavelmente realizar; é testemunho do Evangelho encarnado na história, encravado nas realidades, comprometido com as dores e lutas dos homens e das mulheres, dos jovens, das crianças e dos idosos do nosso país, expressão de uma realidade nova: o Reino de Deus (CNBB, doc. 109, 2019, n. 125).

De uma ação do encontro, da acolhida e da escuta, pois é esta Igreja de comunhão que participa, debate, reflete e parte em missão como Jesus assim os enviou. É missão de todos nós; Deus chama e quer ouvir a nossa voz. Seja essa adesão madura e firme, como a fé que habita no mais profundo do nosso ser, uma adesão concreta e fidelidade ao Evangelho.

Por fim, não há mais tempos de grandes planos pastorais; em um mundo agitado e em constante mudança, ações curtas devem ser pensadas para que de fato sejam aplicadas e, se possível, aperfeiçoadas como base em um humanismo cristão que estabelece diálogo, transmite comunhão e proximidade, sendo pessoas normais, concretas, simples, com os pés no chão por uma Igreja que não se preocupa consigo mesma, mas que olha para fora, sai pelas estradas. O que é desafiador, incômodo, comprometedor, nos põe em risco; este é o cuidado pastoral que ainda precisa ser despertado em nossos meios eclesiais para atingir os meios sociais, onde temos uma única certeza em meio aos desafios de que "Servir aos outros, cada qual na medida do dom que recebeu, comunicando-o uns aos outros como bons administradores da multiforme graça de Deus" (1Pd 4,10).

Em contínua sintonia humana pelo convite a caminhar, revelando a essência do ser cristão, desperta a consciência de que toda a comunidade é uma fraternidade mística, pois é pelo Espírito que embeleza o agir da comunidade eclesial, bem como seu trabalho evangelizador, pois "a santa Igreja é, por instituição divina, organizada e dirigida em variedade admirável" (LG 32). Não existindo desigualdade entre os batizados, não impondo a verdade, mas traçando uma diversidade que gera beleza e que faz comunhão na alegria, pelo estímulo na vitalidade de uma integridade harmoniosa, isto é viver de fato Apostolicidade buscando a sinodalidade.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012

BRIGHENTI, A **Pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2006.

COMBLIN, José. **Mitos e realidades da secularização**. São Paulo: Herder, 1970.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja**. 23. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje**. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização e missão profética da igreja**: novos desafios. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos da CNBB, 80).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2019. (Documentos da CNBB, 109).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de Comunidades**: uma nova paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB, 100).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Veritatis Splendor: O Esplendor da Verdade**: sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

SATHLER, Rosa Ronaldo. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança**: uma hermenêutica contemporânea. São Paulo: ASTE. 2004.

SZENTMÁRTONI, Mihály. **Introdução à Teologia Pastoral.** Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1999.

Recebido em: 01/07/2024

Aprovado em: 30/09/2024